



SARAH PINBOROUGH

POR TRÁS DE SEUS OLHOS

Sarah Pinborough

POR TRÁS DE
SEUS OLHOS

Tradução de Alexandre Raposo



PARTE

I

1

ANTES

A cada hora que passa, me beliscar e dizer a mim mesmo que ESTOU ACORDADO.

Olhar para minhas mãos. Contar os dedos.

Olhar o relógio (de parede ou de pulso), desviar os olhos, voltar a olhar.

Manter-se calmo e concentrado.

Pensar numa porta.

MAIS TARDE

Era quase dia quando finalmente terminou. Riscas cinza cruzavam o céu. Folhas secas e lama agarravam-se à sua calça jeans, e ele sentia o corpo fraco e dolorido, enquanto o suor esfriava no ar frio e úmido. Não havia como voltar atrás, como desfazer o que estava feito. Um ato terrível, mas necessário. Um fim e um começo agora eternamente entrelaçados. Ele esperava que as cores do mundo mudassem para refletir aquilo, mas o céu e a terra permaneceram com os mesmos tons suaves, e nas árvores não houve sequer um tremor de rancor. Nenhum choro sussurrado pelo vento. Nenhuma sirene uivando ao longe. A floresta era apenas a floresta, e a terra, apenas a terra. Ele deixou escapar um longo suspiro e se sentiu surpreendentemente bem. Limpo. Era um novo amanhecer. Um novo dia.

Ele caminhou em silêncio em direção aos restos da casa, ao longe. Não olhou para trás.

AGORA

ADELE

Quando David enfim chega em casa, ainda há lama sob minhas unhas. Afundada na cama, eu as sinto cravadas na pele esfolada. Meu estômago se revira e meus nervos se contraem quando a porta se fecha, e, por um instante, apenas olhamos um para o outro, um de cada lado do comprido corredor da nossa nova casa, uma construção vitoriana. Um longo caminho de madeira polida à perfeição se estende entre nós, até que ele dá meia-volta e cambaleia de leve até a sala de estar. Inspiro fundo e me junto a ele, estreitando os olhos de dor toda vez que os calcanhares batem nas tábuas do assoalho. Não devo ter medo. Preciso consertar isso. Nós precisamos consertar isso.

— Fiz o jantar — digo, tentando não parecer muito carente. — Um estrogonofe simples. Se já tiver comido, posso guardar para amanhã.

David está de costas para mim, olhando as estantes que o pessoal da mudança encheu com o que havia nas caixas. Tento não pensar em quanto tempo ele esteve fora. Recolhi os cacos de vidro, varri e esfreguei o chão e cuidei do jardim. Todas as evidências de fúria foram removidas. Lavei a boca após cada taça de vinho que bebi na sua ausência, para ele não sentir o cheiro. Ele não gosta que eu beba, só permite uma ou duas taças, e acompanhada. Nunca sozinha. Hoje, porém, não resisti.

Mesmo sem ter removido completamente a terra sob as unhas, tomo banho, ponho um vestido azul, calço sapatos de salto combinando e pas-

so maquiagem. Nenhum vestígio de lágrimas ou brigas. Quero que a gente se livre de tudo. Este é nosso novo começo. Nosso reinício. Tem que ser.

— Não estou com fome.

Ele se vira para mim. Percebo um ódio silencioso nos seus olhos e contenho a súbita vontade de chorar. Acho que esse vazio é pior do que a raiva. Tudo aquilo que tanto lutei para construir está se desintegrando. Eu não me importo por ele estar bêbado mais uma vez. Só quero que me ame como antes. David nem repara no esforço que fiz desde que saiu. Em como estive ocupada. Na minha aparência. Em como *tentei*.

— Vou dormir — diz sem me olhar nos olhos, e sei que ele vai para o quarto de hóspedes.

Só se passaram dois dias desde que decidimos recomeçar, e David não vai dormir comigo. Sinto a distância entre nós aumentar. Logo, não seremos mais capazes de preencher esse vazio. Ele passa por mim, e desejo tocar seu braço, mas tenho muito medo da sua reação. Ele parece estar com nojo de mim. Ou talvez seja o nojo que sente de si mesmo irradiando na minha direção.

— Amo você — sussurro. E me odeio por isso.

Ele não responde, só cambaleia escada acima como se eu não estivesse ali. Ouço seus passos se afastarem e, em seguida, uma porta se fechando.

Depois de passar um tempo encarando o vazio que ele deixou, ouvindo meu coração, já remendado, se partir, volto para a cozinha e desligo o forno. Não guardarei o prato para amanhã — vai ficar com o gosto amargo da lembrança de hoje. O jantar está arruinado. Estamos arruinados. Às vezes me pergunto se ele quer me matar e acabar logo com isso. Livrar-se desse fardo. Talvez parte de mim também deseje matá-lo.

Fico tentada a beber outra taça do vinho proibido, mas me contenho. Já estou bastante chorosa, não vou conseguir suportar outra briga. Pela manhã, talvez estejamos de bem outra vez. Vou colocar outra garrafa no lugar, ele nunca vai saber que andei bebendo.

Olho para o jardim antes de finalmente desligar as luzes externas e ver meu reflexo na janela. Sou uma bela mulher. Eu me cuido. Por que ele não me ama mais? Por que nossa vida não foi como eu esperava, como eu queria, depois de tudo o que fiz por ele? Temos muito dinheiro. Ele tem a carreira dos sonhos. Sempre tentei ser a esposa perfeita e lhe proporcionar a vida perfeita. Por que ele não pode deixar o passado para trás?

Fico me lamentando por mais alguns minutos enquanto limpo e lustro as superfícies de granito, então respiro fundo e me recomponho. Preciso dormir. Dormir direito. Vou tomar um comprimido e apagar. Amanhã vai ser diferente. Tem que ser. Vou perdoá-lo. Sempre perdo.

Amo meu marido. Sei disso desde o momento em que pus os olhos nele pela primeira vez, e nunca deixarei de amá-lo. Não vou desistir. Não posso desistir.

LOUISE

Nada de nomes, certo? Nem de trabalho. Nada sobre as chatices da vida. Vamos falar de coisas reais.

— Você disse isso mesmo?

— Sim. Bem, não — respondo. — Foi ele quem disse.

Meu rosto arde. Parecia romântico dois dias atrás, às quatro e meia da tarde, com a primeira dose ilícita de Negroni, mas agora está mais para alguma cena tragicômica de um seriado barato. Mulher de trinta e quatro anos entra em um bar e é cantada pelo homem dos sonhos, que acaba se revelando seu novo chefe. Ah, meu deus, quero morrer de tanta vergonha. Que confusão.

— Claro que foi *ele*.

Sophie ri e logo tenta se conter.

— *Nada sobre as chatices da vida*. Tipo, sei lá, o detalhe de eu ser casado. Ela repara na minha expressão.

— Desculpe. Em tese não é engraçado, mas meio que é. Eu sei que você está um tanto sem prática nesse negócio de homem, mas como não percebeu que ele era casado, depois de uma dessas? Eu até dou um desconto pela parte de ele ser seu novo chefe. Isso foi só azar, mesmo.

— Pois é, não tem graça — digo, mas sorrio. — De qualquer modo, homens casados são o seu forte, não o meu.

— Verdade.

Eu sabia que Sophie faria eu me sentir melhor. Somos engraçadas quando estamos juntas. Morremos de rir. Ela é atriz — mas a gente nunca menciona o fato de ela não ter conseguido nenhum papel nos últimos anos, exceto por dois cadáveres na TV — e, apesar dos casos extraconjugais, é casada há mil anos com um executivo da indústria fonográfica. Nós nos conhecemos num curso de pré-natal, e, apesar de nossas vidas serem muito diferentes, nos demos bem. Sete anos depois, ainda bebemos juntas.

— Mas agora você é como eu — comenta ela, animada, dando uma piscadela. — Está transando com um homem casado. Já não me sinto tão mal.

— Eu não *transei* com ele. E eu não sabia que ele era casado.

A última parte não é bem verdade. Até o fim da noite, minhas suspeitas já haviam se confirmado. A pressão urgente do corpo dele contra o meu enquanto nos beijávamos, a cabeça rodando por causa do gim. A separação repentina. A culpa nos seus olhos. O pedido de desculpas. *Eu não posso*. Tudo estava ali.

— Certo, santinha. Fico muito feliz por você quase ter transado com alguém. Quanto tempo faz mesmo?

— Eu *realmente* não quero pensar nisso. Ficar deprimida não vai adiantar — respondo, antes de tomar outro gole do vinho.

Preciso de outro cigarro. Adam está dormindo profundamente, não sairá da cama até a hora de levantar para ir à escola. Posso relaxar. Ele não tem pesadelos. Não é sonâmbulo. Obrigada, Senhor, por essas pequenas bênçãos.

— De qualquer modo, tudo isso é culpa da Michaela — prossigo. — Se ela tivesse cancelado *antes* de eu chegar lá, nada disso teria acontecido.

Mas Sophie tem razão. Faz muito tempo desde a última vez que flertei com um homem, mais ainda desde que me embebedei e beijei alguém. A vida dela é diferente. Sempre cercada por pessoas novas e interessantes. Tipos criativos que levam a vida com mais liberdade, bebem até tarde e vivem como adolescentes. Ser mãe solo em Londres, trabalhando meio expediente como secretária de um psiquiatra, não me permite muitas oportunidades para mandar a cautela às favas e sair todas as noites na esperança de encontrar alguém, muito menos o Sr. Príncipe Encantado. E eu não suporto o Tinder, o Match e esses outros sites e aplicativos. Eu meio que me acostumei a ficar sozinha, coloquei tudo isso em segundo plano por um tempo. Um tempo que está, involuntariamente, se tornando um estilo de vida.

— Isso vai melhorar seu humor.

Ela tira um baseado do bolso superior do casaco de veludo vermelho.

— Confie em mim, você vai achar tudo mais engraçado quando estivermos chapadas. — Ela percebe a relutância no meu rosto e sorri. — Vamos lá, Lou. É uma ocasião especial. Você se superou. Deu um amasso no novo chefe casado. Isso é genial. Eu deveria procurar alguém para escrever o roteiro desse filme. Eu poderia interpretar você.

— Que bom, vou precisar de dinheiro quando for demitida.

Não consigo contrariar Sophie, nem quero, e logo estamos sentadas na pequena varanda do meu minúsculo apartamento, com vinho, salgadinhos e cigarros aos nossos pés, rindo e passando o baseado de uma para a outra.

Ao contrário de Sophie, que de algum modo permanece meio adolescente, ficar chapada não faz parte da minha rotina — não há tempo nem dinheiro quando você não tem ninguém com quem contar —, mas rir é sempre melhor do que chorar, e dou uma tragada no fumo doce e proibido.

— Isso só podia ter acontecido com você — comenta. — Você se escondeu?

Confirmo com a cabeça e sorrio ao imaginar como a cena é engraçada pelos olhos de outra pessoa.

— Não consegui pensar em mais nada. Corri para o banheiro e ali fiquei. Quando saí, ele já tinha ido embora. Ele só começa a trabalhar amanhã. Estava fazendo o tour completo do Dr. Sykes.

— Com a esposa.

— É, com a esposa.

Eu me lembro de como eles me pareceram felizes naquele breve e terrível momento de compreensão. Um belo casal.

— Quanto tempo você ficou no banheiro?

— Vinte minutos.

— Ah, Lou.

Fazemos uma pausa, então começamos a rir, o vinho e a erva zumbindo na mente. E não paramos por um tempo.

— Queria ter visto a sua cara — diz Sophie.

— É, bem, eu não estou ansiosa para ver a cara *dele* quando se deparar comigo.

Sophie dá de ombros.

— O cara é casado. Ele é que devia ter vergonha. Não está em posição de dizer nada.

"Um triângulo amoroso moderno com tantos jogos mentais que você vai começar a se perguntar se esse triângulo tem mesmo três lados."

JOSH MALERMAN,

AUTOR DE CAIXA DE PÁSSAROS E PIANO VERMELHO

"Que final! O tipo de livro que faz você voltar ao início para ver se tudo bate. E não é que bate?"

THE GUARDIAN

"É impossível parar de tentar adivinhar quem está manipulando quem, até o final revelar que somos cúmplices desse terrível jogo mental criado por Sarah Pinborough."

THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

"Uma caixa de enigmas, uma obra magistralmente construída que traz à mente Hitchcock no que tem de mais estranho."

JOE HILL,

AUTOR DE MESTRE DAS CHAMAS

"Sarah Pinborough vai virar sua nova obsessão."

HARLAN COBEN,

AUTOR DE A PROMESSA

"Você tem que ler este livro! É brilhante!"

STEPHEN KING

ISBN 978-85-510-0220-9



9 788551 002209

www.intrinseca.com.br